Commentarium, vol. 2 (2026), pp. 297-302
https://doi.org/10.34640/cjhs2_2026_101

Commentarium
JOURNAL OF HUMANITIES STUDIES
CJHS

CRITICAL REVIEW

David Salomoni, Luana Giurgevich & Henrique Leitão (eds.), *Santo Antão — The Jesuit College in Lisbon and its History*. Leiden and Boston: Brill, 2025. Pp. X + 399 + [10]. ISBN 978-90-04-71994-1 (Hardback); 978-90-04-71995-8 (e-book).

Manuel Barbosa

Universidade de Lisboa, Portugal
Centro de Estudos Clássicos
https://orcid.org/0000-0003-4472-0002

Excelente notícia esta, a da publicação pela prestigiada Brill deste volume composto de vários estudos sobre a vida do Colégio de Santo Antão. Um acto de justiça, diga-se, à memória deste colégio jesuíta, não suficientemente valorizada até aos nossos dias, face ao maior relevo dado a outros, como o Colégio das Artes em Coimbra e a Universidade de Évora. Os trabalhos aqui inclusos constituem, pelos dados que disponibilizam, uma compensadora e bem alicerçada resposta a essa insuficiente atenção. Estamos perante um notável esforço de pesquisa, bem fundado em contributos anteriores, como, entre outros, o de Francisco Rodrigues (primeira metade do século XX), e assumindo-se como ponto de partida para ulteriores investigações que, com novos dados, favoreçam uma compreensão mais alargada das actividades deste colégio. Como se lê na Introdução (p. 3), "sem uma plena compreensão da história deste colégio, qualquer narrativa sobre a evolução da educação não só em Portugal, mas também no resto da Europa católica, apresentaria um quadro incompleto e distorcido da realidade".

A história do Colégio de Santo Antão recebe aqui novo alento dado por uma pesquisa renovada pelo acesso a novas fontes. São onze estudos, cada um focando um aspecto dessa história, estudos esses que unificam este volume no propósito que lhe deu vida: dar o devido relevo à história duma instituição cuja existência terá sido bem mais fecunda do que têm deixado transparecer até hoje os resultados da investigação anteriormente levada a cabo.

* **CONTACT Manuel Barbosa** Email: menamanuel@sapo.pt

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

Francisco Malta Romeiras ("Trailing a Bumpy Road: The Jesuit College of Santo Antão in Lisbon") explora o percurso acidentado do Colégio de Santo Antão, descrevendo os vários desafios enfrentados desde as suas modestas origens na Mouraria, em 1542, até ao devastador terramoto de 1755, a que se seguiu a extinção da Ordem em 1759. Somos aqui sucessivamente inteirados da demissão de Simão Rodrigues, da criação do Colégio em Outubro de 1553 como a primeira instituição de ensino público dos Jesuítas em Portugal, da procura de nova localização face às reconhecidas insuficiências da primeira, da opção final pela colina de Santa Ana (1574), do lançamento da primeira pedra em 1579 e, finalmente, da mudança para o novo local em 1593. Problemas de financiamento na construção do novo colégio e da sua igreja, com demandas judiciais associadas, foram outros desafios enfrentados na altura, aqui descritos com vívida expressão.

Liam Matthew Brockey ("The Early Years of the Colégio de Santo Antão in Lisbon") estende o seu estudo até finais do século XVI, altura em que já havia ocorrido a mudança para a nova localização na colina de Santa Ana, abordando de forma bem pormenorizada aspectos da vida do Colégio durante esse período, alguns deles já aflorados brevemente no estudo de Romeiras. A localização original na Mouraria ("O Coleginho"), a rápida tomada de consciência das insuficiências do local, a procura de nova localização, a demissão de Simão Rodrigues, a passagem de residência a instituição de ensino, o teatro de colégio, a decuplicação do número de estudantes e a urgência premente de mudança de local, a elaboração do projecto, as questões do financiamento, a instalação no novo edifício (1593) e a resolução de problemas subsistentes com a vizinhança, eis o rol de questões aqui tratadas num estilo agradável e com boa fundamentação. Como primeira escola de ensino público jesuítico, o Colégio de Santo Antão inaugurará, em 1553, a eficácia de uma forma de actuar, na área das humanidades e retórica, que seria depois replicada noutros colégios em Portugal. Manuel Álvares, Pedro João Perpinhão e Cipriano Soares, chamados de Coimbra para marcar bem o arranque do Colégio em Lisboa, vê-los-emos em funções idênticas dois anos depois em Coimbra, em 1555, no Colégio das Artes, a partir de então sob direcção jesuítica, e Inácio de Azevedo, o primeiro reitor em Santo Antão, desempenharia a mesma função poucos anos depois em Coimbra e mais tarde em Braga, no arranque do Colégio de São Paulo, em 1560, para onde levou Luís da Cruz, o futuro famoso dramaturgo, aluno do "Coleginho" de Santo Antão, nos seus inícios.

Cristina Osswald e Maria Luísa Jacquinet ("The Jesuit Community of the Colégio de Santo Antão: Everyday Life and Material Culture (Sixteenth to Eighteenth Centuries)") são aqui uma espécie de cicerones que, em estilo agradável e com um rigor de pormenores bem fundamentado, nos documentam uma série de aspectos da vida quotidiana: os horários do levantar e do deitar, das refeições, das aulas e dos momentos de oração; os vários feriados religiosos e a sua celebração; o refeitório e tudo o que aí acontecia além da tomada de refeição, como os momentos de leitura ou as punições públicas. Merecem grande destaque

as medidas em prol de uma sólida saúde física e mental dos jesuítas, com a regulação devida da prática do jejum e da abstinência e os momentos previstos de descanso em ambientes aprazíveis, como a Quinta do Rosal. É dada atenção especial ao interior do Colégio, com os seus móveis e outros objectos do quotidiano. No domínio da decoração, o destaque vai para os azulejos, as pinturas e os mapas, estes afixados com o aparente propósito de motivar vocações missionárias. Nestas explicações pormenorizadas merece especial referência a decoração da Aula da Esfera, espécie de local sagrado donde emergiu o que de específico singulariza a história do Colégio de Santo Antão. A fechar este estudo temos uma pertinente referência ao tráfico de objectos preciosos ou raros (*exotica*) trazidos do Oriente, aspecto que acompanhou os dois séculos de existência de um Colégio desde o início funcionando como local de acolhimento de jesuítas em trânsito para as missões ultramarinas ou de lá provenientes.

Maria João Pereira Coutinho ("Voice in São Roque and Echo in Santo Antão: Jesuit Festivities in the Seventeenth and Eighteenth Centuries") brinda-nos com uma relação detalhada das grandes festividades em Lisboa relacionadas com as beatificações de Inácio de Loiola, em 1610, e de Francisco Xavier em 1620, com a sua dupla canonização em 1622, com a visita de Filipe II a Portugal em 1619 e com a beatificação do jesuíta francês John Francis Regis, em 1716. Todas estas festividades foram assinaladas com desfiles alegóricos e procissões pelas ruas da cidade, com uma preciosidade de artefactos obtidos, muitos deles, por empréstimo do próprio tesouro real. A A. questiona a relação de dependência de Santo Antão relativamente a São Roque, sublinhando que a intervenção daquele era mais de natureza literária, com afixação de poemas e enigmas no pátio do Colégio e representações teatrais, de que dá grande destaque à *Real tragicomédia de Dom Manuel*, aquando da visita de Filipe II, e, sobretudo, aos *Aplausos*, fortemente impregnados de alegorismo, por ocasião da canonização dos dois jesuítas. Mais do que dependência de S. Roque, entende a A. ser preferível falar aqui em autonomia.

Rui Lobo e Ricardo Lucas Branco ("The College of Santo Antão of Lisbon, the Plans at the Bibliothèque Nationale de France, and the Design of the Lost Church, by the 'Great Architect' Baltasar Álvares") oferecem-nos aqui uma espécie de história da arquitectura do Colégio de Santo Antão-o-Novo, dando-nos conta das peripécias do projecto e tentando uma reconstituição, por um lado, do que foi destruído pelo terramoto de 1755 (o caso da igreja) e, por outro, do que foi alterado pelas obras de adaptação do edifício subsistente à sua nova funcionalidade (a de Hospital Real, hoje Hospital de São José). Este esforço de reconstituição da arquitectura do Colégio e respectiva igreja, bem como das vicissitudes da sua construção apoia-se nas plantas existentes na Biblioteca Nacional de França e na correspondência jesuítica. No caso da Igreja do colégio, cuja construção se arrastou até 1753, a comparação com outros templos portugueses revela-se fundamental para tornar verosímeis as conclusões a que chegam os AA. Além das plantas da BNF, revela-se

igualmente fundamental para se apurar a organização funcional do edifício do colégio a análise do projecto de adaptação ao seu novo destino de hospital, nas plantas dos três pisos desenhadas por Caetano Tomás de Sousa, onde se pode distinguir o edificado existente, marcado a rosa, e o edificado projectado, marcado a amarelo. Assim, é possível identificar a localização de zonas do antigo colégio como o pátio dos estudos, o refeitório e a escadaria de acesso à Aula da Esfera, esta objecto de grande destaque descritivo.

Noël Golvers ("Mathematical Books in the Pre-Pombal Jesuit Colégio de Santo Antão in Lisbon: The Inventory of 1745 and Other Items") surge aqui em demanda dos livros de matemática que terão apoiado o ensino dessa disciplina em Santo Antão. Para tal, parte da análise do único inventário existente, datado de 1745, cuja estrutura nos descreve, advertindo para a sua incompletude. Nos cerca de dois mil itens nele existentes, quarenta e nove são livros de matemática, cujo rastreamento o A. tentou explorando os fundos de várias bibliotecas (Ajuda, Museu da História Natural da Ciência, Biblioteca Nacional), o que levou à descoberta de outros livros de matemática não mencionados no inventário, elevando para oitenta o número de títulos matemáticos das colecções do Colégio de Santo Antão. Entre estes últimos, Golvers chama a atenção para os que surgem atribuídos à "livraria do cubículo do P[adre] M[estr]e da matemática" ou "Livraria da matemática", de que apresenta uma lista, salientando o facto de alguns desses livros serem proibidos e, por isso, gozarem eventualmente de uma localização protegida. O A. conclui a sua pesquisa, neste domínio algo labiríntico, com interrogações acerca do significado da transcrição naquela altura do velho inventário da Biblioteca Pública do colégio.

Luís Tirapicos ("In a Global Republic of Stars: Santo Antão's Astronomers and Observatories in the Eighteenth Century") realça bem toda a importância, "de dimensão planetária", alcançada pelas observações astronómicas desenvolvidas no Colégio de Santo Antão. Para tal foi determinante a vinda para Portugal de dois jesuítas italianos peritos em astronomia, Giovanni Battista Carbone e Domenico Capacci, e o apoio de D. João V que não regateou esforços e dinheiro na instalação dum observatório astronómico na Igreja do Colégio. A fama das pesquisas astronómicas dos jesuítas de Santo Antão espalhou-se por toda a Europa e chegou mesmo à China, onde os Jesuítas gozavam de grande favor junto do imperador, o que explicará o facto de Carbone, até então correspondente da Royal Society, ter sido eleito, a 6 de Novembro de 1729, "fellow" dessa proeminente sociedade científica, o que pela primeira vez acontecia a um jesuíta.

Luís Campos Ribeiro ("Forecasting and Mathematics: The Teaching of Astrology in Santo Antão") fala-nos do ensino da astrologia, um ensino não esporádico, mas sistemático, de uma disciplina incluída entre as ciências matemáticas logo desde o início da vida lectiva do colégio. Trata-se, esclarece o A., não da astrologia supersticiosa, mas da astrologia natural, apresentada como a aplicação prática do conhecimento astronómico adquirido. Esse ensino é aqui evidenciado pelo largo número de manuscritos astrológicos

referenciados e pelas notícias do desempenho docente de vários jesuítas nesta disciplina. Nomes como João Delgado, Sebastião Dias e Simon Fallon, entre outros, tentaram promover em Santo Antão uma astrologia científica e exacta, apoiada na astronomia matematicamente precisa, susceptível de ser praticada por cristãos.

Paula Oliveira e Silva ("The Teaching of Philosophy at the College of Santo Antão (1590-1690)") fala do ensino da filosofia em Santo Antão, procurando vislumbrar uma diferenciação desse ensino em relação ao ministrado no Colégio das Artes, amplamente testemunhado no *Cursus Conimbricensis*. Detendo-se numa segunda fase desse ensino, a partir de 1590, a A., após elencar os principais professores de filosofia, procede à análise dos dois cursos que subiram ao prelo (o *Doctrina Philosophica*, de Baltasar do Amaral, e o *Cursus philosophicus de triplice ente*, de Agostinho Lourenço), focando sobretudo os pontos controversos que tocam o determinismo cosmológico e teológico e a candente questão do livre-arbítrio, num propósito de estabelecer uma ligação entre matérias deste ensino e as da Aula da Esfera.

Simone Guidi ("Baltasar Teles on Logic: Universals, Signs and Scientific Demonstration") foca alguns aspectos do curso de lógica presentes na primeira parte da *Summa Universae Philosophiae* de Baltasar Teles, em ordem a evidenciar que este jesuíta, no seu magistério em Santo Antão, dá seguimento a uma tradição que, concebida em Coimbra, circulou em Portugal no início e meados do século XVI. Assinalando influências dos conimbricenses Fonseca, Couto e Suarez, o A. sugere para Teles um lugar próprio, com uma contribuição específica, nos principais debates da Escolástica tardia.

Eugenio Menegon ("The Tragic Jesuit Embassy of the Kangxi Emperor to the Pope Clement XI, and the Lisbon Experience of 'Imperial Envoy' Antonio Provana"), movendo-se em domínio de que é reputado especialista, oferece-nos um relato bem circunstanciado das duas viagens à Europa, em inícios do século XVIII, do enviado do Imperador chinês Kangxi, o jesuíta italiano António Provana, para acertar com a Santa Sé a resolução da questão dos ritos chineses. Estas viagens implicaram uma permanência temporária em Lisboa (São Roque e Colégio de Santo Antão), para o desenvolvimento de contactos não apenas com os jesuítas, mas também com a corte portuguesa que, por via do padroado do oriente, não deixava de ser parte interessada na questão. Menegon transmite-nos com muita viveza a situação de impasse vivida por Provana que, dilacerado interiormente por várias obediências e sentindo uma certa hostilidade da parte dos seus e da Santa Sé, sofreu o desfecho trágico da sua missão, acabando por falecer em alto mar, na viagem de regresso à China.

A estes valiosos estudos soma-se um apêndice bibliográfico ("Appendix Jesuits and Science in the Portuguese Assistancy: Thirty Years of Studies. A Bibliography, 1993-2023") elaborado por Henrique Leitão e Luana Giurgevich. Reúne-se nele a bibliografia sobre a actividade científica desenvolvida pela Companhia de Jesus na assistência portuguesa, contemplando os últimos trinta anos. Reconhecem os autores que neste período a

investigação sobre a *res jesuitica,* em contraste com o passado, se revelou mais desenvolta e eficaz, liberta de preconceitos de anti-clericalismo ou anti-jesuitismo, o que, advertem, não implica a inexistência de trabalhos basilares anteriores a este período.

Importa chamar a atenção para a preciosidade do presente volume. Os vários trabalhos aqui inclusos impõem-se pela sua qualidade científica, fruto de aturada investigação, bem expressa em cada página pelas notas de rodapé, muitas delas bem recheadas, apoiando um texto principal de fácil leitura, saído da boa síntese dos seus autores. As abundantes referências bibliográficas que finalizam cada capítulo dizem bem do esforço de uma pesquisa que, em muitos casos, esclareceu caminhos na consulta de fontes manuscritas. Assinalem-se também as figuras e tabelas, elencadas no início (pp. VIII-IX), ilustrativas do conteúdo de alguns capítulos, destacando-se aqui o quinto, um notável esforço de reconstituição do que terá sido a Igreja do Colégio de Santo Antão-o-Novo, destruída pelo terramoto. Para a riqueza do volume contribui ainda o remissivo *Index* final, a duas colunas (pp. 392-399), de natureza temática e onomástica. Todo o volume respira uma certa uniformidade, resultante do que consideramos ter sido um propósito de coordenação bem transmitido e assimilado, patente numa série de procedimentos recorrentes em cada trabalho. Para dar só um exemplo, é notória preocupação, nas datações referentes a figuras detentoras de cargos importantes, em referir não apenas os anos de nascimento e morte, mas também os de ocupação do cargo.

Além de um acto de justiça, como referi inicialmente, à real grandeza do Colégio de Santo Antão, aqui tão meritoriamente desvendada e sugerida, o presente volume representa também um desafio. Com efeito, tal grandeza continua ainda, em vários aspectos, como que sepultada sob as ruínas do terramoto, aguardando ulteriores investigações que, reunindo e identificando documentação dispersa, dissipem escuridões e iluminem melhor a realidade. Nesse sentido, cada um dos trabalhos aqui insertos constitui um modelo desafiante.